

HÁ QUASE 50 ANOS, Alfred Kinsey, discreto professor de Zoologia no interior dos Estados Unidos, publicou o primeiro de dois volumes que abalariam alicerces. Seu livro de 1948, *Comportamento sexual do homem* – bem como a continuação, editada em 1953, *Comportamento sexual da mulher* –, apresentava descobertas do que seria um detalhado levantamento sobre comportamento sexual.

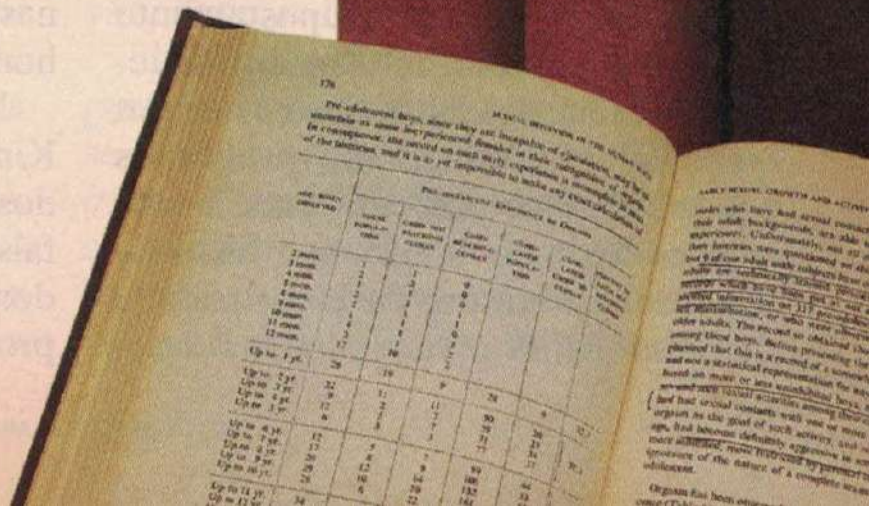
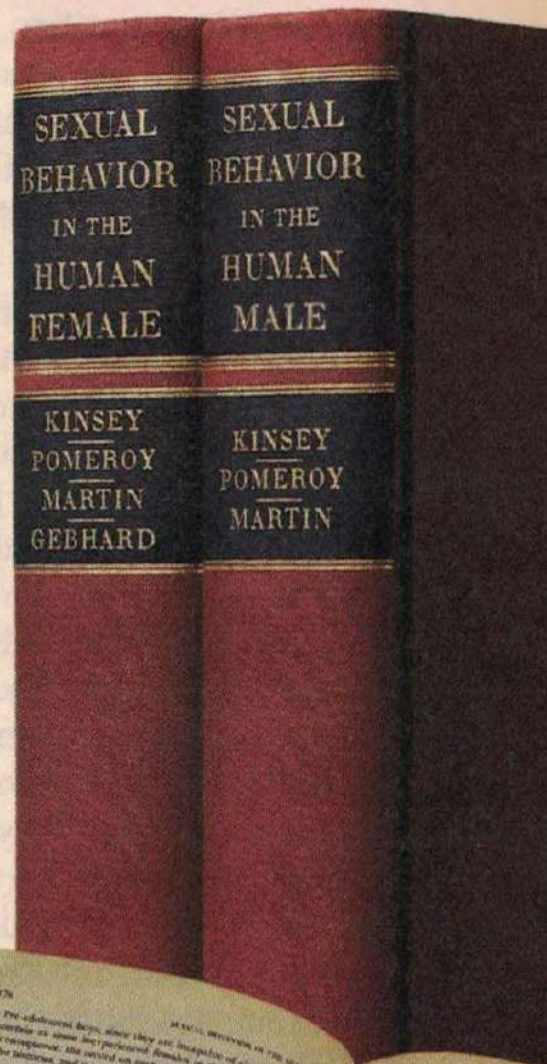
E que descobertas! Em linguagem

seca e científica, Kinsey declarou que muitas das práticas sexuais tradicionalmente condenadas eram mais comuns do que se imaginava: cerca de metade dos homens casados e uma em cada quatro mulheres já haviam tido experiências extraconjugais; 69% dos homens haviam se encontrado com prostitutas; 10% dos homens eram homossexuais há pelo menos três anos; 40% a 50% dos rapazes criados em fazendas haviam tido contatos sexuais com animais.

Esses livros ajudaram a desencadear a revolução sexual. Mas será que diziam a verdade?

SEXO, MENTIRAS E OS RELATÓRIOS KINSEY

RACHEL WILDAVSKY



E o mais importante: Kinsey afirmava que muitas dessas práticas poderiam ser benéficas. Sexo antes do casamento ajudava a mulher a se “adaptar” à vida conjugal. Garotos teriam oportunidade de desenvolver “relações afetuosas” com os parceiros animais.

O público, conservador pelos padrões atuais, poderia não ter aceitado informações de qualquer um. Mas Kinsey era cientista. E, impressionados pelas maravilhas modernas, estamos acostumados a respeitar profundamente a ciência. Por ser o estudo de Kinsey trabalho científico, “a imprensa teve permissão para tratar do assunto de forma até então inédita”, diz o historiador John D’Emilio, da Universidade da Carolina do Norte.

Muitas notícias foram publicadas. Kinsey estava “apresentando os fatos e revelando as coisas como são e não como deveriam ser”, proclamava a revista *Look*. O extenso *best-seller* de Kinsey, segundo a *Life*, “transformara-se em nova instituição americana”. O rosto de Kinsey esteve na capa da *Time*. Logo se tornou famoso, ganhando o apelido de *Dr. Sexo*. Até músicas apareceram, como *The Kinsey Boogie* e *Ooh, Dr. Kinsey* – sucesso da cantora Martha Raye.

O impacto provocou mudanças. Velhas regras sexuais, supostamente hipócritas, começaram a se enfraquecer. “Se você descobre que os desejos que vem reprimindo são praticados por milhões de pessoas, tende a não reprimi-los mais”, afirma o historiador Paul Robinson, da Universidade de Stanford. A revista *Newsweek* re-

sumiu o efeito com a seguinte frase: “Se é bom para Kinsey, é bom para mim.”

Atualmente, em boa parte graças a Alfred Kinsey, vivemos num mundo diferente. Mas será verdade o que ele dizia?

Reconhecimento estarrecedor

EM DEZEMBRO de 1995, quase 50 anos depois do primeiro relatório, o Instituto de Indiana, fundado por Kinsey para continuar seus trabalhos, reconheceu que certas informações haviam sido mal interpretadas. Kinsey escreveu que nove observadores – alguns com “habilitação técnica” – constataram que bebês de cinco meses eram capazes de orgasmos múltiplos e que, quando não “coibidos”, procuravam “sexo de forma agressiva”. A verdade, relatada agora pelo Instituto Kinsey, é que as informações foram fornecidas por um único observador: um pedófilo que afirmava ter mantido relações sexuais com 317 garotos.

Ao mesmo tempo em que insiste em dizer que “não há nada que prove que Alfred Kinsey estava errado” sobre crianças e sexo, o atual chefe do instituto, John Bancroft, admite que “o fato de Kinsey ter prestado tanta atenção nas informações fornecidas por aquele homem pode ser questionado”.

Na realidade, muitas descobertas de Kinsey foram feitas a partir de métodos falhos. E algumas eram totalmente falsas. Entretanto, notáveis pesquisadores que sabem disso continuam a promover o trabalho de Kinsey.

Alfred Kinsey, formado em Zootomia, passou os primeiros 20 anos de sua carreira estudando determinada espécie de vespa. Em 1938, Kinsey começou a dar aulas em um curso pré-nupcial na Universidade de Indiana, onde fazia parte do corpo docente. Percebendo que os alunos faziam perguntas cujas respostas ele desconhecia, concluiu que precisava pesquisar.

Kinsey começou questionando os alunos sobre suas vidas sexuais – tática que deixou alguns de seus colegas ultrajados. De acordo com Wardell Pomeroy, um dos co-autores dos livros, Kinsey chegou a perguntar a alunos qual o tamanho de seus órgãos genitais. Começou a levantar “histórias sexuais” de um círculo cada vez maior de pessoas, incluindo a própria mulher e os filhos.

Quando Kinsey recolhia alguma história, tinha maior capacidade de “encontrar” atividade sexual do que os próprios colegas, relatando duas a três vezes mais hipóteses de sexo antes do casamento e quatro vezes mais casos de homossexualismo do que os outros. Kinsey – segundo o historiador James Reed, da Universidade Rutgers – era um homem propenso a descobrir atividade sexual.

Ainda mais perturbadora era a coleção de Kinsey de pornografia infantil. De acordo com carta de 1981 de Paul Gebhard, colega de Kinsey, para a pesquisadora Judith Reisman, Kinsey obtinha fotos e filmes de crianças envolvidas em atos sexuais dos próprios adultos que haviam praticado sexo com elas. Kinsey, porém, nunca

denunciou a existência de algum desses pedófilos.

Pomeroy também relata que Alfred Kinsey “empregava meia dúzia de ginecologistas com o objetivo de estimular sexualmente as pacientes e determinar suas reações”. O próprio Kinsey assistiu a um dos testes. E a mulher? Será que deu permissão formal para o exame? Ninguém sabe. Kinsey cita apenas “a coleção de dados inéditos fornecidos por ginecologistas”.

Só os fatos?

KINSEY ALEGAVA ser um cientista neutro, sem segundas intenções. Escreveu no primeiro livro que seu objetivo era “o fato científico completamente dissociado de questões de valor moral ou padrões sociais”.

A afirmação era falsa. “Kinsey tinha pontos de vista e eles estão nos livros”, afirma o sociólogo John Gagnon, ex-presidente da Academia Internacional de Pesquisas sobre Sexo, que entrou para a instituição depois da morte do fundador, em 1956. Kinsey acreditava que o sexo era simples reação biológica a estímulos, sem qualquer implicação moral, espiritual ou psicológica. Só as “inibições” impostas pela sociedade, segundo ele, impediam que todos apreciassem a variedade de formas.

“Não é tão difícil”, escreveu no segundo relatório, “explicar por que um ser humano age sexualmente de certa forma. É mais difícil entender por que cada indivíduo não se envolve em todas as modalidades de práticas sexuais.” Em sua opinião, não havia ne-

nhuma diferença moral entre uma prática sexual e outra.

Por isso, não é surpreendente que os Relatórios Kinsey contenham descrições detalhadas de prolongados estímulos sexuais em crianças, feitos por um pedófilo, que incluem até gritos e tentativas de fuga. Ainda assim, Kinsey concluiu que as crianças encontravam prazer nas circunstâncias.

Amostras manipuladas

PARTICIPANTES do levantamento em que Alfred Kinsey baseou suas conclusões representavam muito mal a população. Cerca de 75% de homens se apresentaram para responder às perguntas. Usando os dados de Kinsey, o psicólogo Lewis M. Terman, da Universidade de Stanford, relatou que esses voluntários tinham de duas a quatro vezes mais atividade sexual do que os não-voluntários.

A amostragem de Kinsey também incluiu presidiários. Pomeroy escreveu que, por volta de 1946, a equipe havia colhido histórias de 1.400 presos envolvidos em crimes sexuais. Kinsey nunca revelou quantos fizeram parte de seu estudo final, de 5.300 homens. Reconheceu que no primeiro livro incluiu “várias centenas” de prostitutas.

Ao publicar o livro sobre mulheres, Kinsey fora persuadido a deixar de lado as presidiárias. Mas isto não legitimou a amostragem. Mais de 23% das mulheres de 31 a 35 anos nunca tinham se casado, mesmo quando Kinsey definia “casamento” como relacionamento de vida em comum com mais de um

ano de duração. Era mais do que o dobro do percentual registrado no resto da população naquela época.

Alegações enganosas

COM IDEOLOGIA tão forte e metodologia tão fraca, não seria surpresa se Kinsey chegasse a conclusões equivocadas. Foi o que aconteceu.

Kinsey escreveu que 28% dos garotos da oitava série, nos anos 40, já haviam mantido relações sexuais. Mas em seus dados de apoio, essa porcentagem refere-se apenas aos 678 homens adultos que disseram ter tido relações sexuais até os 14 anos, e cujo nível de escolaridade não ultrapassava a oitava série.

Garotas, segundo Kinsey, beneficiavam-se do contato sexual com homens adultos, aprendendo a reagir e se condicionar à aceitação de atividades sexuais posteriores. No entanto, o sociólogo Edward Laumann, da Universidade de Chicago, principal autor do respeitado livro *The social organization of sexuality (Organização social da sexualidade)*, publicado em 1994, conclui justamente o oposto. Sexo precoce com adultos está ligado a “disfunções sexuais e menos saúde” em anos vindouros.

Como foi possível que se passassem 50 anos antes que fossem descobertas tantas falhas em um trabalho dessa importância? Não se passaram. Críticas aos métodos de Kinsey foram publicadas enquanto ele ainda era vivo. As revelações estarrecedoras de Pomeroy estavam espalhadas pelo li-

vro que escreveu sobre a vida de Kinsey, publicado em 1972.

Entretanto, muitos especialistas continuam a defender os relatórios. O sociólogo Pepper Schwartz, da Universidade de Washington em Seattle, acredita que foram muito importantes para abrir o diálogo nacional.

Segundo a psicóloga Naomi McCormick, ex-presidente da Sociedade de Estudos Científicos da Sexualidade, para se fazer descobertas sobre o potencial sexual das crianças é preciso procurar informações em lugares esquisitos.

Jerome Kagan, professor de psicologia em Harvard, dá aos relatórios um conceito A “pela coragem” e um C “pela qualidade e validade das informações”. Mesmo assim, defende seu uso em sala de aula, afirmando que são “precisos o bastante para gerar discussão”.

“Sempre existiram liberais que favoreciam a educação sexual, defendiam atitude mais aberta diante do sexo, e preconizavam reformas legais”, diz o sociólogo Gagnon. “Alguns deles acharam úteis as descobertas de Kinsey e, na falta de outros dados, concluíram que era tudo o que tinham.”

Acadêmicos não estão sozinhos ao tentarem diminuir a importância do

debate em torno da validade dos relatórios Kinsey. “Não me importo com o que está correto e com o que não está”, diz Ruth Westheimer, terapeuta sexual que dá conselhos para milhões de pessoas por meio de um programa de rádio e uma coluna publicada em diversos jornais. “Sem ele, eu não seria a doutora Ruth.”

Hoje, somos mais abertos e tolerantes diante do sexo do que há 50 anos, e boa parte dessa mudança foi positiva. No entanto, a maior parte da transformação gerou lares desfeitos, doenças epidêmicas, e falta de limites e privacidade.

Certamente, Alfred Kinsey não foi o único responsável pelas mudanças. Mas teria muito o que explicar pelo fato de ter publicado informações que sabia serem falsas. E o mesmo acontece com os cientistas que promovem o trabalho, não pelos méritos deste, mas porque os relatórios apóiam os valores que eles defendem.

Até no tempo de Kinsey, a integridade e o profissionalismo dos pesquisadores “supostamente deveria proteger-nos” da má ciência, afirma Bette Crigger, editora do *Hastings Center Report*. “No caso de Alfred Kinsey, os vigilantes de plantão dormiram no ponto.”



Ouvindo de passagem

PEDIDO TRANSMITIDO ATRAVÉS do alto-falante, num supermercado:

“A pessoa que tem um pacote de açúcar rasgado faça a fineza de parar o carrinho para que o empregado da limpeza possa chegar até ela.”

Timothy F. Geran, EUA